

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO  
**PEDRO HENRIQUE DE SOUSA COSTA**

**SEM MARCAÇÃO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A ATUAÇÃO DO  
COLETIVO LGBTQIA+ PALMEIRAS LIVRE NO COMBATE À HOMOFOBIA NO  
FUTEBOL BRASILEIRO**

**SÃO PAULO  
2023**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO PEDRO HENRIQUE DE SOUSA  
SEM MARCAÇÃO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A ATUAÇÃO DO COLETIVO  
LGBTQIA+ PALMEIRAS LIVRE NO COMBATE À HOMOFOBIA NO FUTEBOL  
BRASILEIRO

Memorial complementar do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

## RESUMO

O objetivo deste trabalho, em formato de podcast, é mostrar a trajetória do coletivo Palmeiras Livre, criado em 2013 para defender o direito da população LGBTQIA+ em ocupar espaços do futebol no Brasil como torcedores. Apesar da ascensão das torcidas/coletivos LGBTQIA+ de times brasileiros nos últimos 13 anos, ainda se tem uma realidade de exclusão da comunidade LGBTQIA+ do futebol em toda sua estrutura. O podcast investiga como o Palmeiras Livre — torcida/coletivo há mais tempo na ativa no país — lida com esse cenário desafiador em seu dia-a-dia, quais mudanças conseguiram gerar com ações coletivas/individuais e qual era o contexto anterior de torcidas gays e queer que inspiraram o coletivo palmeirense.

**Palavras-chave:** futebol; desigualdade de gênero; homofobia; machismo; torcida; esporte; gay; trans; queer.

## ABSTRACT

The objective of this work, in the form of a podcast, is to show the trajectory of the group Palmeiras Livre, founded in 2013 to defend the rights of LGBTQIA+ population to stand as football fans in Brazil. However the ascension of those groups of LGBTQIA+ fans in the last 13 years, the structure of football still excludes this community. The podcast investigates how Palmeiras Livre — the most long-lived gay group of fans in Brazil — leads with this challenger scenario, which changes they got with their individual/collective actions and what was the past context of gay groups of fans that inspired the Palmeiras Livre.

**Keywords:** football; gender inequality; homophobia; sexism; fans; sport; gay; trans; queer.

## **FICHA TÉCNICA**

**TÍTULO:** Sem Marcação: Uma investigação sobre a atuação do coletivo LGBTQIA+ Palmeiras Livre no combate à homofobia no futebol brasileiro

**ANO:** 2023

**ALUNA:** Pedro Henrique de Sousa Costa

**ORIENTADOR:** Dennis de Oliveira

**ROTEIRIZAÇÃO, PRODUÇÃO E LOCUÇÃO:** Pedro Henrique de Sousa Costa

**CRÉDITO DOS ÁUDIOS USADOS:** Rádio Bandeirantes, Mancha Alviverde, Conmebol, TV Lance, Esporte Interativo (atual TNT Sports)

Departamento de Jornalismo e Editoração  
Escola de Comunicações e Artes da USP  
dezembro de 2023

## **SUMÁRIO**

**AGRADECIMENTOS 6**

**A ESCOLHA DO TEMA 7**

**A ESCOLHA DO FORMATO E PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO 9**

**METODOLOGIA E ENTREVISTAS 10**

**LISTA DE ENTREVISTADOS 11**

**ROTEIRO 12**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS 27**

**BIBLIOGRAFIA 28**

## **AGRADECIMENTOS**

Me lembro da primeira vez que ouvi falar da Universidade de São Paulo. Enquanto passeava com sua mãe em alguma rua na Barra Funda, o Pedro de 6 ou 7 anos ouviu dela sobre uma universidade que os alunos tinham que andar de ônibus de tão grande que a tal USP era. Me lembro de pensar que os alunos eram preguiçosos. Tantos anos depois me formo jornalista na mesma USP. Mas essa conquista está longe de ser só minha, é obrigação minha agradecer:

Meus pais pela liberdade que sempre me deram para escolher os rumos que eu queria seguir na vida. Sou muito grato pelas oportunidades que vocês me proporcionaram. Se um dia eu tornar vocês avôs, vou ter o maior orgulho e prazer de passar aos meus filhos todos os valores que aprendi com meu pai e minha mãe.

Meu pai, Flávio Sérgio Gomes da Costa, de quem herdei praticamente todas as paixões e hobbies que tenho na vida, em especial o Corinthians e o futebol, o que diretamente me levou a decidir pelo jornalismo. Não deu pra ser jogador, mas vamos de jornalista, pai.

Minha mãe, Vânia de Sousa Costa, que sempre esteve no meu pé para estudar e ser a melhor pessoa que eu pudesse ser. E que insistiu e me convenceu a fazer um ano de cursinho para tentar passar na USP, quando minha vontade era outra. Você estava certa.

Minhas irmãs Isadora Monteiro Costa e Isabela Cristine de Sousa Costa, que me lembram todo dia que sou o único do trio sem o Isa no nome.

Meus avós Etevaldo Ferreira de Sousa e Maria do Socorro Costa, sem deixar de prestar uma homenagem a Antônio Costa e Regina Ferreira de Sousa, que partiram mas que sempre estarão nas minhas memórias.

À toda minha família com as poucas dezenas de tios e as várias dezenas de primos. Todos vocês, de alguma forma, moldaram o homem que sou hoje.

Aos vários amigos que fiz no caminho em escolas, ETEC, escolinhas de futebol, ruas, faculdade ou jogando videogame online e que também me ajudaram a construir esse caminho.

À Amanda Xavier Mazzei, sua amizade fez os dias mais difíceis da pandemia se tornarem os mais fáceis, pelo menos enquanto eu falava com você. Mas nós dividimos o mesmo neurônio, então tudo o que eu escrever aqui você já sabia.

José Higídio, Danilo Moliterno e Vinicius Garcia. Eu ter demorado tanto para fazer amizade com vocês foi um erro tão grave quanto o Zé apoiar o “Dinizismo”.

Gabriela Berrogain. Só lamento você odiar São Paulo e ter fugido daqui, mas um dia vamos voltar a morar na mesma cidade e não vai ser em Brasília.

E por fim, dedico ao Billy Jack. Meu cachorro e companheiro por longos e felizes 15 anos. Para quem não sabe, Billy foi eleito por 15 anos seguidos o melhor cachorro do mundo.

Amo todos vocês. De coração, vai Corinthians!

## **ESCOLHA DO TEMA**

A ideia de fazer essa pesquisa partiu de uma vivência pessoal. O futebol faz parte da minha rotina e se faz presente de diversas formas. Enquanto torcedor o jogo em si sempre atraiu e atrai minha atenção, há anos assistir a partidas de futebol nacional ou internacional é parte da minha rotina diária. Porém, partilho da visão que o futebol, enquanto produto de grande visibilidade, só tem tal relevância pelas diversas formas que influencia e impacta milhões de pessoas. Por isso, minha decisão de ter o futebol como objeto de pesquisa enquanto catalisador de um fenômeno social: a afirmação de pessoas LGBTQIA+ como consumidores do futebol, um produto que culturalmente as rejeita.

Segundo pesquisa realizada pelo *O Globo/IPEC* em 2022, 76% da população brasileira afirma torcer para pelo menos um time de futebol, o que representaria 154 milhões de brasileiros a partir da prévia do Censo realizado no ano passado. Ainda que os números demonstrem uma parcela significativa da população com interesse no futebol, é possível dizer que estes poderiam ser ainda maiores se o ambiente do esporte fosse mais receptivo com a comunidade LGBTQIA+.

Dados de um estudo de 2022 da USP e Unesp publicado na revista científica *Nature Scientific Reports*, apontam que 12% dos brasileiros são da comunidade LGBTQIA+, o que representaria 24 milhões de pessoas. Esse grupo social que é cada vez maior no

Brasil ainda enfrenta enorme repulsa quando se trata do meio do futebol. Apesar de tímidos avanços no que se refere ao tratamento das entidades e clube que fazem o esporte nos últimos anos, quando observamos as torcidas e o público em geral que consome futebol ainda é recorrente a aversão a comunidade.

Mesmo nesse ambiente machista/homofóbico é crescente o número de coletivos/torcidas LGBTQIA+ que decidem enfrentar esse cenário violento a sua existência, e impõe seu espaço enquanto torcedores levantando a bandeira da causa LGBTQIA+. Tais grupos reivindicam que a comunidade tenha a liberdade e respeito para vivenciar o futebol sem se invisibilizar ou esconder qualquer traço de sua expressão enquanto gênero ou orientação sexual.

Pensando nesse contexto que ganha cada vez mais relevância na sociedade, e consequentemente, no esporte, esse projeto tinha como objetivo entender esse fenômeno de coletivos LGBTQIA+, que vem ganhando força desde 2013 com o surgimento da Galo Queer, Bambi Tricolor, hoje extintas, e, logo depois, com o Palmeiras Livre — coletivo que foi o recorte da pesquisa. A ideia era compreender como a dinâmica desses coletivos, a relação entre eles, sua rotina e como lidam com os desafios diários de se impor num ambiente que sua existência é combatida culturalmente.

O recorte anterior seria torcidas/coletivos dos 3 grandes clubes da cidade de São Paulo (Corinthians, São Paulo e Palmeiras). Tal recorte seria pela relevância desses clubes, e por uma questão prática de locomoção, uma vez que moro na capital paulista, e pretendia encontrar os integrantes desses coletivos pessoalmente. Porém, durante a pesquisa houve dificuldades em fazer entrevistas in loco, e mesmo virtualmente, com os coletivos gays de Corinthians (Fiel LGBT) e do São Paulo (Tricolor LGBT). Por isso a decisão de um novo recorte dando foco maior para uma torcida/coletivo: Palmeiras Livre.

O novo recorte se mostrou justificado por 2 motivos: 1) Ainda que se tenha diferenças em cada contexto, o cenário geral de torcedores LGBT é bastante semelhante em clubes de grande mídia. O que ainda está de acordo com a intenção de pesquisar o quadro da comunidade LGBTQIA+ no futebol. 2) O Palmeiras Livre é, hoje, o coletivo LGBTQIA+ de maior destaque no Brasil. Tanto por ser o mais longevo em atividade (10 anos de existência) quanto pelos seu número de integrantes (106) e feitos (primeiro coletivo LGBT de um time grande a pisar num estádio com bandeiras do grupo em mais de 30 anos).

## ESCOLHA DO FORMATO E PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

A escolha do formato do trabalho se deu por 2 motivos: gosto pessoal e adequação ao tema. Sempre tive interesse em produzir materiais audiovisuais antes mesmo de adentrar o curso de jornalismo. Ao decorrer do curso e mesmo da minha experiência profissional consegui apurar essa valência nas produções de documentários, vídeos, podcasts e programas de rádio. A partir disso, decidi que meu projeto de pesquisa deveria seguir um desses formatos.

Ao mesmo tempo, o tema abordado conflui com o formato de podcast. Uma vez que, como observado pelo orientador, o tema trata da chamada “cultura de arquibancada” de cantos e festas de torcidas de futebol. Tal temática tem um apelo visual, mas especialmente sonoro muito marcante. Com isso posto, ainda que um outro formato, como por exemplo textual, pudesse ter relevância não teria o mesmo impacto que o escolhido.

Além disso, o público-alvo (torcedores e fãs de futebol) possui uma parcela considerável de consumidores de podcasts esportivos. Isso possibilita uma perspectiva mais realista da pesquisa chegar ao maior número possível de consumidores, que também foi uma preocupação considerada na escolha do formato.

O desenvolvimento do podcast visava ter o Palmeiras Livre e seus integrantes como protagonistas da história narrada. Por isso, todo o roteiro foi montado a partir da entrevista com as 4 integrantes do coletivo. As outras entrevistas e informações colhidas em pesquisa foram acrescentadas em volta do “esqueleto” construído pelos depoimentos dessas fontes primárias. Dito isso, o restante que cercava esse “esqueleto” também era fundamental para a contextualização e, conseqüentemente, compreensão mais evidente do cenário que o protagonista (Palmeiras Livre) estava presente.

Também era uma preocupação trazer uma ambientação sonora para os momentos narrados nos blocos de tópicos apresentados no roteiro. Para isso, primeiramente se separou as temáticas e fatos narrados no roteiro, e posteriormente, foi utilizado cantos de torcidas, narrações e músicas para delimitar o começo e fim desses blocos, ao mesmo tempo que tais intervenções sonoras dialogassem com o conteúdo narrado naquele

instante. Tal recurso utilizado ao decorrer do podcast ambienta de forma mais eficiente o ouvinte, e, conseqüentemente, o ajuda a manter sua atenção a narrativa da produção.

## **METODOLOGIA E ENTREVISTAS**

Para compor o podcast, tive um trabalho extenso de entrevistas e de pesquisa de informações para, primeiramente, montar um histórico da participação da população LGBTQIA+ em torcidas no Brasil, e, posteriormente, entender melhor o quadro atual e como o Palmeiras Livre se coloca nesse cenário.

Em relação às pesquisas e coleta de informações, foi necessário a leitura de artigos científicos e resgate de conteúdos da imprensa para compreender a história das torcidas queers no futebol brasileiro. Meu principal objetivo nessa busca era apurar o contexto que possibilitou as primeiras torcidas gays surgirem no Brasil a partir de 1977 ainda durante a ditadura militar, e como as mesmas influenciaram a segunda leva de grupos de torcedores gays que despontam desde 2013. Outro objetivo na leitura desses documentos era compreender quais os motivos desse movimento de torcedores gay/queer ter desaparecido a partir da segunda metade dos anos 80.

Munido de mais informações e dados, realizei 6 entrevistas no total. Destas, 4 foram com pessoas diretamente ligadas ao Palmeiras Livre, que entrevistei simultaneamente in loco em um dia de jogo do Palmeiras no Allianz Parque. Minha intenção era trazer o clima de uma partida de futebol para as entrevistas, tanto tecnicamente no áudio das entrevistas quanto no conteúdo de depoimentos em si das 4 entrevistadas. Até por isso, na edição do podcast busquei manter o som ambiente no tratamento das falas. O objetivo era conversar com as entrevistadas por horas e descobrir o que cada personagem representa para o objeto de estudo (Palmeiras Livre) e vice-versa. Ao fim, na edição acabei cortando uma das entrevistadas por uma questão de construção narrativa e de tempo do podcast, porém utilizei informações trazidas pela mesma.

Em relação às outras duas entrevistas, o objetivo era abordar questões contextuais e históricas que fundamentam a criação, atuação e futuro do Palmeiras Livre. Entrevistei um dos fundadores da Coligay — que inspira o coletivo palmeirense — e um antropólogo/pesquisador de torcidas LGBTQIA+ brasileiras. Ambos entrevistados foram

fundamentais para esclarecer o cenário anterior à criação do Palmeiras Livre, com o pioneirismo da Coligay e como esta tem influência na contemporaneidade. Também foi possível compreender de forma mais clara as variáveis que explicam o desaparecimento de torcidas/coletivos gays no Brasil por décadas. As duas entrevistas foram realizadas de forma remota.

Um desafio da reportagem foi ter a sensibilidade na hora das entrevistas, que por vezes abordaram assuntos complexos e dolorosos para as fontes, porém muito relevantes do ponto de vista do interesse público, como ameaças de morte, de violência e homofobia. Outro fator de dificuldade foi encontrar e sistematizar informações e dados sobre torcidas gays/queers dos anos 70 e 80, que estavam muito difusos e por vezes conflitantes, o que exigiu meticulosidade.

Ainda assim é importante destacar que era propósito da pesquisa não dar foco somente às violências que esses torcedores sofrem. O intuito era apresentar os integrantes de torcidas/coletivos como fãs do esporte, e não somente como indivíduos que sua relação com o futebol se resume a discriminação.

## **LISTA DE ENTREVISTADOS**

- Alessandra Luvisotto, 38 anos. Integrante do Palmeiras Livre desde 2020.
- Jussara Flexa, 59 anos. Integrante do Palmeiras Livre desde 2019.
- Luciana, 37 anos. Integrante do Palmeiras Livre desde 2020.
- Mauricio Rodrigues Pinto, doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP) e pesquisador do Núcleo de Estudos sobre os Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS/USP). Pesquisador sobre a trajetória de futebolistas trans e times de futebol amadores formados por homens trans e pessoas transmasculinas, interessado nas intersecções entre esporte e gênero articuladas a outros marcadores sociais da diferença, como sexualidade, raça e classe.
- Osmar Rodrigues, 76 anos. Um dos co-fundadores da Coligay em 1977. A primeira torcida gay do Brasil.

- Thais Nozue, 40 anos. Uma das co-fundadoras do Palmeiras Livre em 2013.

## ROTEIRO

### **Sem Marcação - Ep.01: Veste verde!**

#### TEC 1: Cantos de protesto torcida Palmeiras

Loc :

- + 4 de janeiro de 2012. Depois das férias, o elenco do Palmeiras se reapresenta na Academia de Futebol.
- + Do lado de fora do CT da Barra Funda, pouco menos de 500 torcedores recebem o elenco com protestos pelo mau desempenho no ano anterior.
- + No meio dos xingamentos ao presidente Arnaldo Tirone e a jogadores como Valdívia, Deola e Henrique, uma faixa é exibida: “A homofobia veste verde”.
- + A faixa fica estendida por pouco tempo. Líderes da Mancha Verde, que organizava o protesto, pedem que seja retirada. Mas o recado foi dado.
- + Aqueles torcedores eram contra a chegada de Richarlyson. Jogador que vinha sendo cogitado pelo clube e que constantemente tinha sua sexualidade questionada por mídia e torcedores
- + Pouco importava os vários títulos conquistados por ele no rival São Paulo, ou até mesmo a passagem pela seleção brasileira.

#### TEC 2: Richarlyson

- + Anos depois, já aposentado, Richarlyson se assumiu bissexual.
- + Mas se os poucos minutos que aquela faixa ficou estendida foram suficientes pra acabar com qualquer chance do volante vestir verde, também foram suficientes pra acender uma faísca na torcida do Palmeiras.

### TEC 3: Eu sou Palmeiras, sim senhor!

#### TEC 4: Sobe BG 1

- + Oi, eu sou Pedro de Sousa. E hoje no Sem Marcação, vamos falar do Palmeiras Livre, coletivo LGBTQIA+ que nasceu justamente a partir desse protesto contra a chegada de Richarlyson no Palmeiras.
- + O caso, como a gente contou, aconteceu em 2012 num protesto organizado pela Mancha Verde, principal torcida organizada do Palmeiras.
- + A faixa não fazia menção ao Richarlyson, mas deixava claro o posicionamento dos presentes sobre a possível contratação.
- + A Mancha Verde chegou a ser investigada pelo episódio pela Secretaria de Justiça e Defesa da Cidadania de São Paulo para uma possível multa de até 55 mil reais. O processo acabou arquivado.
- + Uma semana antes, a hashtag Fora Richarlyson foi o terceiro assunto mais comentado no Twitter no Brasil. Nos posts, palmeirenses faziam ataques homofóbicos ao então jogador do Atlético-Mineiro.
- + No fim, a diretoria do Palmeiras acabou desistindo de contratar Richarlyson.

#### TEC: Sobe BG 1

- + Logo depois do protesto, alguns torcedores do Palmeiras se organizaram virtualmente pra se posicionar contra esse episódio.
- + Desse movimento nas redes sociais, nasce um ano depois o Palmeiras Livre, que veio junto numa onda de torcidas e coletivos gays ressurgindo no Brasil depois de décadas.

TEC: Fala Thaís Nozue: **Sim, a gente começou em 2013, né? É, teve esse rolê aí da "Homofobia Veste Verde" logo logo em seguida teve um movimento, um levante aí de várias torcidas livres e etcétera, com o movimento "Não Vai Ter Copa" também, eh conseguiu, né? É, mas sim foi o estopim, foi aí**

- + Essa voz que você acabou de ouvir é de Thaís Nozue, uma das fundadoras do Palmeiras Livre. Eu troquei uma ideia com ela e

outras 2 integrantes do coletivo nos arredores do Allianz antes de um jogo do Palmeiras pelo Brasileirão.

**TEC: Fala Thaís Nozue: Sou a segunda pessoa que integrou o Palmeiras Livre. Foi criado por uma mina que ela nem faz parte há muitos e muitos anos. Eh e aí eu sou do da primeira leva, que geriu do Palmeiras Livre sou eu.**

- + Última remanescente do grupo de fundadores, Thaís lembra que o Palmeiras Livre surge no mesmo contexto da Galo Queer, da torcida do Atlético Mineiro, e da Bambi Tricolor, da torcida do São Paulo.
- + Os três grupos, desde o começo, se posicionaram como torcidas/coletivos LGBTQIA+ que lutavam não só contra a homofobia no futebol, mas também contra o racismo, misoginia e elitização do esporte.

**TEC: Fala Thais Nozue: A Palmeiras Livre daquela demanda lá de 2013 até hoje nós somos os únicos sobreviventes, né? Muitos se reformularam, nasceram outras, tiveram dissidentes da própria Palmeiras Livre pra criar outra, outro coletivo**

- + A Galo Queer e Bambi Tricolor acabaram, mas, como a Thais disse, muitas outras surgiram de diversos times do país.
- + Criado em 2019, o coletivo Canarinhos LGBTQIA+ reúne e compila esses grupos. Hoje em 2023 ele conta com 23 torcidas filiadas de 21 times. Entre os filiados, está o Palmeiras Livre.
- + A relação entre esses coletivos costuma ser bem amistosa. Bem diferente do que rola por exemplo entre torcidas organizadas de times rivais.
- + Alessandra Luvisotto, integrante do Palmeiras Livre desde 2020, vê a relação com torcidas LGBT de times rivais como Corinthians e São Paulo melhor do que com a própria torcida do Palmeiras

**TEC: Fala Alessandra: E aí acaba a gente até faz ações juntos, faz muito com que a Democracia Corinthiana, eh né? Ações coletivas políticas, manifestação, a gente tá sempre junto, mas esse diálogo mais aberto, mais próximo, inclusive público de postar no Instagram parabenizar, dar uma força quando acontece algo com alguém, acho que as torcidas, né? Que se**

**firmam como LGBT quem é mais, elas são bem mais unidas. A gente tá em contato com todas, porque a gente tem essa ideia de que o inimigo é o mesmo, então eu acho que talvez as torcidas LGBT tenha mais dos clubes, acho que são as mais unidas. Por que não deixa de ser mesmo o mesmo assunto né assim digamos. É um assunto muito caro pra gente, ele é muito na pele, muito no dia a dia, então eu acho que é um assunto tão espinhoso e tão doloroso no nosso dia a dia que ultrapassa o time que a gente torce, sabe? Vai muito além do futebol pra gente (pg 4 e 5)**

TEC: Sobe BG 2

- + A relação com os rivais até é próxima, mas tudo tem limite. Como é de se esperar, o requisito número um pra entrar no Palmeiras Livre é ser palmeirense. Rivais ficam só na amizade.

**TEC: Fala Thais: Tem que ser palmeirense e que não seja um uma pessoa escrota. (pg 16)**

- + Ou seja, sendo palestrino e apoiando a causa LGBTQIA+ tá dentro.
- + Pra garantir que uma turma fora dos requisitos não acabe entrando, o grupo faz um questionário e um pente fino de leve nas redes de quem quer entrar no coletivo.
- + Entre os mais de 100 filiados ao coletivo tem homem e mulher cis, homem e mulher trans, brancos, negros e... heteros.
- + Sim, heteros são bem-vindos no Palmeiras Livre.
- + É o caso da Jussara, uma das vozes mais importantes do coletivo.

**TEC: Fala Jussara: mas por que que cê quis participar de um coletivo, né? Que é LGBT e tal. Porque eu tenho amigos, mas é verdade, acho que 90% dos meus amigos são todos LGBTs e assim, o que eles sofrem eu também sofro, o que eles querem eu também quero, entendeu? e eu acho que a minha identificação é muito grande com esse povo todo, né? essa sigla imensa e palmeirense ainda, porra**

- + Jussara conheceu o Palmeiras Livre em 2019 pelo Facebook. Respondeu um questionário e entrou de cabeça no movimento. Hoje é uma das integrantes mais influentes lá dentro.

- + Mas ter influência no Palmeiras Livre não significa mandar em ninguém. Elas contam que lá dentro reina uma relação horizontal. Ninguém dá ordem pra ninguém.

**TEC: Fala Alessandra: A gente não tem essa coisa de hierarquia de nomes, de donos do grupo, tem assim um grupo de administradores que são as mais militantes talvez. São as pessoas fundadoras.**

- + Qualquer grande decisão passa por discussão no grupo do Whatsapp com os 106 membros. Todos têm espaço pra falar e debater sobre os rumos que o coletivo deve tomar.

**TEC: Fala: Eu como sendo uma formação política anarquista, pra mim faz muito mais sentido um grupo como esse. De não ter líderes, né? Tudo muito discutido. (pg2) É a nossa ideia de autonomia, como a gente quer ter autonomia como pessoas LGBTQIA dentro do estádio então as pessoas têm autonomia na vida. A única coisa que a gente não tolera dentro são falas, capacitistas, né? Às vezes temos assim, "ai, bobinho", mas na verdade, não é. Então, assim, não que a pessoa fale, ai de propósito, mas sabe aquela coisa de desconstrução que você tem que se policiar? Aí a gente vai lá, chama a atenção: "olha gente não é legal". (pg16)**

- + O grupo do WhatsApp, aliás, é praticamente uma Ágora Palestrina. Assim como os gregos, os 106 palmeirenses do grupo debatem absolutamente qualquer tema. Futebol tá longe de ser o único tópico.

**TEC: Fala: A gente não fala só sobre o Palmeiras, né? A nossa luta ela é muito geral do esporte feminino e LGBT em geral. Então, a gente tá sempre antenado em outros esportes e compartilhando os conteúdos, dando esse apoio e que acontece no entorno da nossa vida social, pública, a mulher, tudo isso, né? (pg 1). E a gente discute, a gente conversa sobre isso, a gente se acolhe, então ele é um grupo muito ativo politicamente e de todos os assuntos são permitidos lá. A gente não fala só sobre futebol. Porque a ideia é isso, é ser livre, é poder discutir tudo que a gente sente. A gente faz grandes terapias em grupo assim. É muito terapêutico. Eu já cheguei em algum momento definir o nosso coletivo como sendo um lugar de acolhimento pras pessoas torcerem e serem do jeito que elas são, assim. Porque na sua essência é isso. (pg 16)**

#### TEC 4: Narração Palmeiras x Botafogo

- + O dia 25 de junho de 2023 era especial. Palmeiras e Botafogo faziam um jogo decisivo na disputa pelo título do Brasileirão. Era a chance do Verdão fazer 3 pontos e encostar no então líder do campeonato.
- + Allianz Parque lotado. 38 mil pessoas presentes. Mas no meio daqueles milhares, o dia era ainda mais especial pra cerca de 10 torcedores.

#### TEC 5: Cantos

- + Foi nesse dia que o Palmeiras Livre realizou um feito histórico. Pela primeira vez, o coletivo levantou sua bandeira no estádio em um jogo do futebol masculino.
- + Cerca de 10 integrantes do coletivo se organizaram pra ir juntos, se identificando como Palmeiras Livre com bonés, camisas e a bandeira com o símbolo do coletivo.
- + Eles já fazem isso em jogos do futebol feminino há 5 anos. Por lá o ambiente é mais receptivo pra coletivos LGBT. Mas no futebol masculino seria a primeira vez e demandou muuuito planejamento.

**TEC: Fala: Ai, lindo, pra mim foi uma grande catarse, né? (pg 3) Como coletivo Palmeiras Livre a gente não tinha ido ainda, só como os civis. Mas esse dia foi uma força tarefa. (pg 4)**

- + Eles sabiam que a recepção dos outros torcedores poderia não ser agradável. Ainda mais num jogo tão importante.
- + Uma das estratégias foi assistir ao jogo no Gol Sul, setor do estádio que fica do lado contrário de onde costumam ficar as torcidas organizadas.

**TEC: cantos**

- + A relação com as organizadas sempre foi complexa. E isso desde a fundação do Palmeiras Livre que tá diretamente ligado com um protesto homofóbico da Mancha Verde
- + Por mais que as organizadas muitas vezes defendam pautas progressistas, a grande maioria delas na prática reproduzem atos de homofobia e discriminação.

### **TEC: cantos homofóbicos**

- + Cantos homofóbicos são regra há muito tempo nos estádios brasileiros. Mas vai muito além disso
- + Um exemplo: as principais organizadas dos clubes de São Paulo, incluindo a Mancha, proíbem integrantes de usar brinco ou pintar o cabelo de loiro. O motivo? Não é coisa de homem.

**TEC: Fala: Aflora tudo, toda masculinidade tóxica, todo patriarcado, todo né? Tanto é que se você quer xingar uma pessoa que não joga bem, um jogador homem vai chamar de “mulherzinha”, né? Então como é que eu não posso ser comparado por uma mulher e muito menos ser o viado que gosta de futebol, né? (pg. 13)**

- + Ainda que alguns associados do Palmeiras Livre também sejam da Mancha Verde e tenham contato direto com a principal organizada, de modo geral o clima sempre tem um grau de tensão.

**TEC: Mas eh as pessoas tão lá e elas vão tentando cavar seu caminho ali dentro, mas ainda é muito pequeno e é muita luta e às vezes elas se sentem na obrigação de se silenciar. Por medo (pg 3)**

- + Por isso era importante ter um respaldo que fosse além do Palmeiras Livre. Aí entra em cena outras torcidas progressistas do Palmeiras que bancaram esse movimento do grupo.
- + Essas torcidas se reuniam com integrantes do Palmeiras Livre num bar chamado Sobrado, nos arredores do Allianz. E assim criaram um laço e relação próxima.
- + Com esse suporte e organização anterior, o feito foi possível. Primeiro, viram o jogo do Palmeiras feminino que rolou no Allianz mais cedo no mesmo dia. E logo depois o jogo do masculino.

- + No fim, o Palmeiras acabou perdendo pro Botafogo por 1 a 0. Como bons palmeirenses a corneta rolou solta. Mas a data continua como uma grande recordação pra todo mundo que tava lá.

**TEC: Eu chorei, eu fiquei, eu tremia eh eu fiquei assim eu no final a gente ficou puto, né? Mas assim foi muito emocionante assim**

**TEC: Fala: Representatividade muito grande, muito grande inclusive outra torcida de outras de outros times né? Vieram parabenizar, falar nossa né? Assim eh torcida da sigla né? Da do vale. É, vieram parabenizar, acharam que nossa foi assim. Até porque são torcidas que ainda não conseguem, né? Dentro do contexto dessas torcidas elas não conseguem ainda fazer uma ação como a gente fez, tanto que muita gente tava no anonimato, não mostra a cara, não dá entrevista e tudo mais (pg 4)**

**TEC: Fala: Pra maioria das pessoas seres normais não foi nada, mas a gente fez um negócio a gente fez um negócio muito foda, foi ótimo. (pg 17)**

#### TEC 6: Secos e Molhados

- + O feito do Palmeiras Livre foi um marco pra luta pelo espaço do torcedor LGBT no Brasil. Uma torcida/coletivo LGBT de um dos 12 times grandes do Brasil levando sua bandeira em jogo do futebol masculino? Isso não rolava desde os anos 80 e 70.
- + Nesse período, grupos de torcedores gays, surfando na onda do desbunde da ditadura militar, começaram a se organizar e ganhar relevância maior no cenário nacional.
- + Dentre essas torcidas gays, podemos destacar a Coligay, que conseguiu efetivamente ocupar espaço nos jogos do Grêmio entre 1976 e 1983.
- + Criado por Volmar Santos, empresário e dono da boate gay Coliseu, famosa na época em Porto Alegre, a Coligay era figura constante nos jogos do Grêmio nos 7 anos que existiu.
- + A torcida costumava se reunir na boate de Volmar e de lá iam pros jogos do Grêmio no estádio Olímpico, com roupas coloridas e plumas.

- + Uma das marcas da torcida era formar o nome do Grêmio com 6 integrantes da torcida usando cada um, uma camisola enorme com as letras do nome do time.

**TEC: Fala Osmar: Essa bata, essa, era sagrado, o I era meu. Entendeu? O I era meu (áudio 5)**

- + Esse que você ouviu é Osmar Rodrigues, ou Careca como é conhecido na torcida do Grêmio.
- + Ele foi um dos co-fundadores e um dos líderes da Coligay. Como você ouviu, ele vestia a camisola com a letra I do nome Grêmio que a torcida formava nos jogos.
- + Além das roupas, o modo de torcer também chamava atenção. A Coligay levava um ritmo mais animado pro estádio.
- + O sambista gaúcho Neri Caveira chegou a ser chamado pra participar da festa levando baterias e um ritmo de samba pra torcida, algo comum hoje em torcidas brasileiras, mas que na época era uma novidade.
- + No começo a Coligay sofreu com uma resistência dos outros torcedores, mas Careca conta que com o tempo conseguiram conquistar seu espaço, e iam até mesmo pra jogos fora de casa.

**TEC: Fala Osmar: E vamos nesse primeiro dia mesmo nós fomos a pé caminhando da da boate até lá era mais ou menos que um quilômetro mais ou menos Nós não fomos muito bem aceito não. Começou a ter confusão, briga e tinha o Frank. E aí começou aquela briga, bambu pra lá, bambu pra cá e nós tentamos se defender. Aí o Frank saiu do meio do pessoal levantou as mão toda se rebolando e falou claramente, para, para todo mundo, tem cu pra todo mundo, não precisa brigar e ali surgiu a risada e começamos a ser assim**

- + Apesar de sempre atrair olhares curiosos e até raivosos, a Coligay acabou sendo aceita na torcida do Grêmio.
- + A torcida, que chegou a ter cerca de 150 integrantes, ficou até com fama de pé-quente. No período de existência da Coligay, o Grêmio venceu 3 Gauchões, 1 Brasileirão, 1 Libertadores e 1 Mundial. Isso ajudou na aceitação do grupo entre os gremistas.

**TEC: Fala: Foi num grenal, que nós entramos quando passamos na frente da torcida do internacional, veio rádio, sapato, chinelo, pedra, pilha, mas quando nós chegamos na frente da torcida do gremio, foi uma loucura. A torcida gritando coli gay, coli gay, coli gay, aquilo era de arrepiar. E nós saímos vencedor. E é por isso que a torcida coli gay tinha a fama de pé quente. (Áudio 10)**

**TEC: Ney Matogrosso**

- + Mas só a fama de pé-quente não explica como a Coligay conseguiu se impor presente nos estádios em plena ditadura militar.
- + Mauricio Rodrigues, doutor em antropologia social e pesquisador sobre torcidas LGBT no Brasil, conta que a Coligay é resultado do contexto do chamado desbunde no final dos anos 70.

**TEC: Fala Mauricio: Então tem um contexto ali né? Histórico, um pano de fundo de um aumento de uma maior visibilidade homossexual, na sociedade ou enfim das vivências, subjetividades que são desse dentro dessa desse hétero norma. Eh figuras ali, né? Que ganham visibilidade, grupos teatrais, sei lá, Secos e Molhados, Ney Matogrosso. As boates dirigidas a um público gay LGBT e mais. (Áudio 1)**

**TEC 7: Sobe Ney matogrosso**

- + Mauricio também pondera que Volmar Santos, fundador da Coligay, apesar de homossexual, também era um homem branco cis e empresário. Ele tinha seus contatos dentro do Grêmio, e contou com esse apoio pra suportar a resistência inicial que sofreu.
- + Volmar tinha contato direto com Hélio Dourado, presidente do Grêmio entre 75 e 81. Hélio apoiou a Coligay e chegou até a convidar a torcida pra desfilar na comemoração do título gaúcho de 77
- + Além disso, o fator surpresa também ajudou a Coligay. O mundo do futebol, já machista e conservador, não sabia exatamente como reagir a um movimento tão único.

TEC: Fala Mauricio: **Que é muito inusitado né? Essa aproximação com o futebol e quando ela emerge ela é tão inusitada que pega acho que muitos pega esse universo do futebol meio que de surpresa né? A Crônica esportiva falava muito de torcidas gays em diferentes partes do país e essa normalização entre aspas da ideia de torcidas gays ganha força a partir do aparecimento da ColiGay. (Áudio 1)**

- + Com a palavra, Cid Pinheiro, jornalista em sua coluna no Zero Hora em 79:
- + “Começam a proliferar, no Brasil, as torcidas gays. Em breve, creio, todos ou quase todos os grandes clubes a terão, embora a reação de Márcio Braga, presidente do Flamengo, contra um grupo do gênero que quis se organizar no clube. A verdade, porém, é que a coisa cresce...”
- +

#### TEC 8: Legião Urbana

- + Mas, essa onda acabou passando. A partir da segunda metade dos anos 80 as torcidas gays sumiram e deixaram de ser uma realidade no Brasil.
- + Um dos motivos levantados por Mauricio Rodrigues é a epidemia de AIDS nos anos 80, que afetou o contexto menos desfavorável pra população LBGT de anos anteriores.

TEC: Fala Mauricio: **As vivências dissidentes da cisheteronorma, essas sexualidades elas vão ficar num lugar ali de maior escrutínio e até mesmo de certa perseguição por conta do avanço do vírus da AIDS na década de 80. Aquele momento você vai ter a homossexualidade muito associada à ideia do HIV, da doença, né? E é uma ideia de um risco, ser um grupo considerado de risco.**

- + Somado a isso, você tem uma consolidação de uma nova cultura de torcer no Brasil. Com as torcidas organizadas estruturando uma nova dinâmica de domínio das arquibancadas.
- + Tudo isso constrói de forma mais clara um perfil ideal de torcedor com traços e modos de agir esperados que vão na direção do homem cis hetero, o entre aspas macho. Um sintoma disso são as

cartilhas de torcidas organizadas proibindo brincos e cabelos coloridos, que falamos pouco antes nesse episódio.

- + No fim, esse novo contexto que se apresentou a partir da segunda metade dos anos 80 resultou em 30 anos sem grupo de torcedores LGBT surgindo de forma relevante no país.

**TEC: Fala Mauricio: Mas tem a questão das torcidas organizadas da questão da violência, não só nas torcidas organizadas, e uma forte estigmatização dessas torcidas, né? Mas eu acho que sobretudo o que influencia que há uma mudança significativa na organização desses espaços do torcer, e dos agrupamentos dos torcedores, de perfil desses torcedores, a maneira como é expressa esse torcer, e isso de fato há. Não diria que por si só isso influencia, eu acho que tem outros fatores combinados que influenciam talvez o não aparecimento aí de outras torcidas gays, movimentações, durante um período aí de quase 30 anos. (Audio 6)**

#### TEC 9: Liniker

- + Dez anos depois de sua fundação, o Palmeiras Livre se impõe hoje como um dos principais grupos de torcedores LGBT do país.
- + Não só pela longevidade mas também pelos seus feitos, em especial a ida ao jogo contra o Botafogo.
- + Mas menos de 3 meses depois dessa ação histórica, repetir ela se tornou um desafio ainda maior. Isso porque o cenário que já era difícil ficou ainda mais desafiador nesse meio tempo.

#### TEC 10: Palmeiras x Boca

#### TEC: Sobe BG

- + A origem da treta está ligada ao jogo de ida do Palmeiras contra o Boca Juniors pela semifinal da Libertadores. Lá na Argentina, torcedores do Boca fizeram provocações racistas dentro e fora do estádio La Bombonera.
- + O jogo acabou empatado por 0 a 0, e torcedores do Palmeiras pensaram em responder os argentinos pro jogo de volta em São Paulo.
- + A resposta veio em forma de homofobia.

- + Horas antes do jogo, vários e vários lambes homofóbicos foram colados em torno do Allianz com fotos do Maradona, ídolo do Boca, beijando o também ex-jogador do Boca, Caniggia. Embaixo da foto vinha escrito: Boca gay
- + Ao ver as fotos dos lambes bombando nas redes sociais, Jussara já mandou no grupo geral do coletivo. A ideia era ver quem tava disposto a ajudar a tirar os lambes.
- + Ela conta que nenhum dos 106 membros se opôs. No fim 3 integrantes foram pro entorno do Allianz tirar os lambes. Quando chegaram, os lambes já tinham sido praticamente todos retirados por funcionários do Palmeiras.

**TEC: Fala: A gente só foi terminar a limpeza mesmo. Então o que a gente fez? A gente foi tirar e colamos o nosso lambe do Palmeiras livre. (pg 6)**

- + A ação revoltou outros grupos de torcedores, que viram o ato como uma traição. E mesmo coletivos progressistas e anti fascistas palmeirenses se voltaram contra eles.

**TEC: Fala: E aí foi que falaram que a gente estragou o corre dos caras, que não era bem assim, que não podia fazer isso. Você vai combater o racismo usando a homofobia? Então quer dizer que nos nos coletivos antifascista, tudo, não tem homens pretos, mulheres pretas que são homossexuais, que são lésbicas, que são trans, enfim, num tem? Então cê não respeita essas pessoas. É como se uma pauta fosse mais importante que a outra, pra gente elas tão no mesmo nível. Vocês não respeitam essas pessoas. Você não respeita. (pg 6/7)**

- + A revolta se transformou em ameaça. Não que a ameaça já não seja rotina do Palmeiras Livre, mas dessa vez os recados foram claros: não apareçam no Sobrado na hora do jogo.

**TEC: Fala: Proibiram a gente. Proibiram a gente. Não é que a gente ficou com medo. Falaram: não venham. É, não venham. Falaram “não venham porque os caras estão aqui procurando vocês, não sei o que” (pg 7)**

- + Sem um local seguro pra se reunir e assistir a um jogo tão importante, o grupo foi obrigado a ver o Palmeiras ser eliminado da Libertadores pelo Boca escondido num porão de bar.

- + Mas um dia tão difícil acabou sendo também um dia de boas recordações pela resistência e união que o coletivo demonstrou.

**TEC: Fala: Acabou sendo uma das maiores reuniões da Palmeiras Livre, porque assim, as pessoas podiam tá em outros bares, elas podiam tá na rua cantando e soltando fogos e elas resolveram estar juntas, principalmente com essas que foram ameaçadas. É. Entendeu? É. De tá juntas num porão e não tá na rua. Foi o dia mais lindo e mais triste e mais revoltante do nosso coletivo foi o dia da eliminação do Boca. Que 100% das pessoas que disseram que iam vim aqui, vieram e ficaram com a gente escondido no porão de um bar pra acolher a gente. Foi lindo. Foi lindo e triste. E revoltante. Pelo que a gente passou no antes, entendeu? No antes. Eu acho que foi o dia mais bonito do Palmeiras foi aquele dia. (pg 17)**

TEC: Samba

- + Hoje, o Palmeiras Livre se vê num momento mais isolado sem o suporte de outros coletivos progressistas de palmeirenses, e do porto seguro físico do bar Sobrado.
- + Apesar de entender a importância da união de todos coletivos progressistas, Thais, Jussara e Alessandra não enxergam uma conciliação tão cedo. Elas esperam um pedido de desculpas.
- + Apesar do momento conturbado, o grupo mantém, na medida do possível, sua rotina: conversas diárias sobre qualquer assunto no Whatsapp e encontros no entorno do Allianz em dias de jogo.
- + Sem o bar Sobrado, os integrantes acabam elegendo pra cada jogo algum dos vários bares da região pra ver juntos os jogos do Verdão.
- + Nas redes, o coletivo segue ativo, especialmente no Instagram, onde conseguiu até parcerias publicitárias com posts patrocinados em troca de ingressos.
- + Isso sem contar as ações sociais que seguem promovendo. No dia das crianças, por exemplo, o coletivo arrecadou doces e brinquedos para levar numa ocupação de São Paulo.
- + O grupo também promoveu chamamentos pra levar ao Allianz, palmeirenses LGBTQIA+ que nunca foram ao estádio.
- + Tudo isso em meio a um contexto que, nos últimos meses, ficou ainda mais desafiador do que já era antes.

- + Mas pra quem tá lá dentro os desafios não são novidade na luta pra mostrar que a população LGBT também veste verde

**TEC:** Fala: eu meio que fiz as pazes com o futebol de alguma maneira e de me expressar mais como torcedora, porque eu sempre fui desde criança, sempre gostei muito, apesar, né, não era de São Paulo, então não frequentava estádio, essas coisas, mas sempre gostei de acompanhar o Palmeiras e tudo mais. Só que é isso, chegar e tá aqui nesse entorno, toda essa energia que tem de você de pré-jogo pós-jogo, de tá com a torcida, junto com a Palmeiras Livre, me deu maior segurança de tá e vontade de tá, né? Porque é isso, assistia jogo em casa ou com um amigo ou outro palmeirense, que não necessariamente era da comunidade, mas começou a fazer muito mais sentido pra mim tá junto com esse pessoal. (pg 8)

**TEC Final:** Eu Sou Palmeiras Sim Senhor

- + Esse podcast foi apresentado, roteirizado, produzido e editado por mim, Pedro de Sousa
- + As entrevistas também foram realizadas por mim.
- + O podcast utilizou áudios da Rádio Bandeirantes, TV Mancha Alviverde, Conmebol, TV Lance e Esporte Interativo
- + As músicas utilizadas foram em ordem de aparição: Racionais MC's - Vida Loka parte 1 (Instrumental), Racionais MC's - Estilo Cachorro (Instrumental), Secos e Molhados - Sangue Latino, Ney Matogrosso - Homem com H, Legião Urbana - Índios, Liniker - Zero, Racionais MC's - Jesus Chorou e MC Fandangos - Eu Sou Palmeiras Sim Senhor
- + Esse podcast é o trabalho de conclusão de curso de Pedro Henrique de Sousa Costa no curso de jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- + E foi realizado sob a orientação do professor e doutor Dennis de Oliveira

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tive a chance de ouvir histórias incríveis neste processo. Mergulhar em um universo que era conhecido por mim de uma forma totalmente diferente. Eu não sabia exatamente o que ia encontrar, apenas que o cenário era discriminatório e desafiador para aqueles personagens. Como homem cis e hetero, eu tinha uma percepção superficial do tema, reconhecia questões de antemão, mas até mesmo como fã de futebol — que já reproduziu agressões homofóbicas — sentia a necessidade de me aprofundar nessa problemática.

Essa inquietação me levou a escolher tal objeto de pesquisa: torcedores LGBTQIA+. A exclusão dessa comunidade em vários âmbitos da estrutura social não é novidade, esta é uma consequência das raízes machistas e cisnormativas da construção social do Brasil. O futebol como espaço símbolo do “homem viril” é um dos representantes mais marcantes desse fenômeno. É um dos espaços em que os envolvidos em todo o ecossistema (dirigentes, jogadores, imprensa e torcedores) menos sentem pudor em agredir verbal ou fisicamente a comunidade LGBTQIA+. Ainda assim, tive contato com todo um universo de indivíduos, que mesmo repelidos de todas as formas pelo futebol, resistem para impor sua posição justa e de direito como torcedores legítimos. Tudo pela paixão que esse esporte proporciona, e que eu, como fã desde criança, reconheço bem. Poucas vezes tive contato com pessoas que amam e vivem tão intensamente o futebol.

Mas o que de fato me surpreendeu foi descobrir como esses grupos de torcedores são muito mais que somente resistência. O sofrimento e os desafios diários regados a toda forma de violência são de fato realidade, mas o que aprendi é que o Palmeiras Livre acima de um grupo de resistência, é um “grupo de acolhimento”, como uma das integrantes me descreveu. Na maior parte do tempo, os integrantes conversam e trocam experiências entre si em um espaço seguro que os liberta de amarras e permite que eles sejam quem são. Essa dinâmica transforma a relação daqueles palmeirenses com o

Palmeiras e o futebol. De somente resistência, apagamento e exclusão, o futebol de repente se torna também companheirismo, amizade e compaixão.

Fora isso, também fui impactado positivamente com histórias do passado sobre a Coligay e outras torcidas gays dos anos 70 e 80. Meu conhecimento sobre o legado e feitos da Coligay era muito supérfluo. Durante as pesquisas, pude notar o pioneirismo daquele grupo de gremistas, mas, especialmente a coragem para conseguir se impor dentro dos estádios em meio a um universo totalmente dominado pela hetero e cisnormatividade.

O quadro que temos hoje é um fenômeno que adormeceu a partir dos anos 80, e que desde 2013 renasceu e vem se fortalecendo. O debate ainda que muito tardio e supérfluo finalmente chegou em todo o ecossistema do futebol. Hoje dirigentes, jogadores, treinadores e torcedores são confrontados com a violência que reproduzem — este que vos fala se coloca nesse lugar. A reação a esse confronto ainda tende de negação ou desprezo, mas a pauta entrou em jogo, o que antes era completamente ignorado hoje é debatido. Para além do futebol, se trata da luta da comunidade LGBTQIA+ que acontece em muitas frentes, em todas as esferas da vida: o direito de escolher como quer viver e onde quer estar.

Termino a pesquisa satisfeito de saber que, embora minhas impressões sobre a exclusão desses indivíduos estivessem certas, o contra-ataque deles está acontecendo e pude documentá-lo.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês: Uma história da Coligay**. Santos: Dolores Editora, 2022.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Depoimentos de Osmar Dziekaniaki Rodrigues**. Porto Alegre: Garimpando Memórias, 2017

ANJOS, Luiza Aguiar dos; PINTO, Maurício Rodrigues. **Práticas torcedoras transgressoras no templo da virilidade: a experiência da Coligay**. FuLiA / UFMG. Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 204-226, 2023

BANDEIRA, Gustavo Andrada; ANJOS, Luiza Aguiar dos. **A Coligay dentro da pedagogia do torcer**. Revista Desenvolvimento Social. Montes Claros, v. 28, n. 1, p. 8-29, 2022.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. **Memórias da Coligay e o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol**. Revista Diversidade e Educação. Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 312-328, 2019.

Brasil de Fato. **Brasil chega à 22ª Copa sem ter sido comandado por um treinador negro em nenhuma das edições**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/11/20/brasil-chega-a-22-copa-sem-ter-sido-comandado-por-um-treinador-negro-em-nenhuma-das-edicoes#:~:text=Entre%20os%20vinte%20clubes%20que.com%20o%20interino%20Orlando%20Ribeiro>. Acesso em 13 de julho de 2023

BERTONCELLO, Soraya Damasio. **O Futebol Enquanto Espaço Para Combate A LGBTfobia: Uma Análise Do Discurso Das Campanhas Do E. C. Bahia**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020

CARLOS, Rivelle Nunes. **Da Coligay às torcidas Queer: um estudo sobre a (não) presença do público LGBT no futebol**. 2017. 26 f. TCC (MBA em Jornalismo Esportivo) - Programa de Pós-graduação lato sensu, Universidade Estácio de Sá, Belo Horizonte, 2017.

CARVALHO, Bruno; VESPA, Talyta. **Inquisição Tricolor: Torcedores do São Paulo relatam violência e ameaça por usar brincos, alargadores ou camisetas rosas**. UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/torcedores-do-sao-paulo-relatam-violencia-e-ameacas-por-usar-brincos-alargadores-de-orelha-ou-camisetas-rosa/#cover>. Acesso em 10 de julho de 2023

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Das “Torcidas Gays” às “Torcidas Livres”:** modos de torcer e representações da diversidade nas arquibancadas. 2014, São Paulo. II Simpósio Internacional de Estudos sobre futebol. Simpósio 2014.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Por uma “etnografia dos vestiários”:** Do futebol e outros esportes na sexualização dos espaços. 2012, Águas de Lindóia. 36º Encontro Anual da ANPOCS. Congresso 2012.

CNN Brasil. **Gritos homofóbicos da torcida do Corinthians interromperam clássico; clube pode ser punido.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/gritos-homofobicos-da-torcida-do-corinthians- interromperam-classico-clube-pode-ser-punido/> Acesso em 25 de junho de 2023

CNN Brasil. **Veja a punição que o Corinthians recebeu por gritos homofóbicos contra o São Paulo.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/veja-a-punicao-que-o-corinthians-recebeu-por -gritos-homofobicos-contra-o-sao-paulo/> Acesso em 25 de junho de 2023

CORNELSEN, Elcio Loureiro. **Imagens do negro no futebol brasileiro.** In: Dossiê Temático: Vozes do Esporte. Pretérito & Devir, 2016, p. 80

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: Revista Brasileira de História vol. 25 2005, p. 316

Gazeta Esportiva. **Torcidas LGBT lutam para conquistar espaços nos estádios brasileiros.** Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/futebol/torcidas-lgbt-lutam-para-conquistar-espaco s-nos-estadios-brasileiros/> Acesso em 11 de julho de 2023

GERCHMANN, Léo. **Coligay: Tricolor e de todas as cores.** Porto Alegre: Libretos, 2014.

Jornal da UNESP. **Levantamento quantitativo pioneiro na América Latina mapeia comunidade ALGBT no Brasil.** Disponível em:  
<https://jornal.unesp.br/2022/10/24/levantamento-quantitativo-pioneiro-na-america-lati-na-mapeia-comunidade-algbt-no-brasil/> Acesso em 25 de junho de 2022

MARTINELLI, Leonardo da Silva. **Reflexões sobre os abalos da masculinidade hegemônica no futebol: das torcidas gays na década de 1970 aos campeonatos homossexuais da atualidade.** Revista Crítica Histórica. Maceió, v. 11, n. 22, p. 301-327, 2020.

MATTOS, Claudia. **Vasco e a mestiçagem.** In: MATTOS, Claudia. **Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 86

**Para O Que Der E Vier.** Direção: Pedro Guindani. Porto Alegre: Lockheart, 2016.

PEREIRA, Kelvin. **Da Coligay ao Sheik – (re)produção da homossexualidade no espaço de masculinidades: uma análise de discursos no campo futebolístico.** Oficina do Historiador. Porto Alegre, Suplemento especial - I Encontro de Pesquisas Históricas - PUCRS (EPHIS), p.1956-1970, 2014.

PERRONE, Ricardo. **Número de Torcidas LGBTQIAP+ aumenta, mas poucas são vistas nos estádios.** UOL. Disponível em:  
<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/perrone/2023/06/11/numero-de-torcidas-lgbtqiap-aumenta-mas-poucas-sao-vistas-nos-estadios.htm> Acesso em 10 de julho de 2023

PINTO, Maurício Rodrigues. **A “praga” da FlaGay e o “desbunde” guei no futebol brasileiro.** Rebeh-Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, 2018.

PINTO, Mauricio Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2017.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Torcidas queer e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol.** Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 14, 2014

RAMOS, Fabricio Addêo. **Diversidade & Inclusão no Esporte: Estudo sobre as conquistas e desafios da comunidade LBGTQIA+ no Brasil.** NIX Diversidade e Economia Social, 2022

SOUSA, Vinicius Gomes de; CAMARGO, Wagner Xavier de. **'Coligay' e a diversidade sexual no campo esportivo.** Recorde: Revista de História do Esporte. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2015.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. **Aniversário do Bhabixas no Mineirão: experiência, futebol gay, mercado e direito à cidade.** Sociabilidades Urbanas. João Pessoa, v. 5, n. 13, p. 125-136, 2021.